

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO  
 Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	33.º Anno — XXXIII Volume — N.º 1135	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	650	120	<b>10 de Julho de 1910</b>	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	650	120		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	650	120		

## HOSPEDES ILUSTRES



DR. D. ROQUE SAENZ PEÑA  
 Presidente Eleito da Argentina, de visita em Lisboa  
 (De fotografia de Vitcomb, de Buenos Aires)

### CHRONICA OCCIDENTAL

Dizia um alfacinha espirituoso que via sempre partir os amigos e conhecidos para as temporadas dos campos sem pena de não ir tambem, porque a sombra da arvore era uma coisa que nada o seduzia. E accrescentava:

— «Para mim, a sombra melhor que ha, é ainda a sombra do predio!...  
 O portuguez é, em geral, um indifferente pela arvore. A ida para o campo no tempo do verão é mais uma convenção do que uma necessidade de repouso á fresca. E tanto isto é assim, que ha muito quem passe o verão em logares tão arborizados como o alto da Serra de Monsanto.  
 O portuguez não ama a arvore. E não a ama, porque não aprendeu a amá-la.

Uma das coisas porque começa o ensino das creanças nas escolas da America do Norte, é o amor da arvore. Ainda ellas mal sabem o padrenosso, e já se procura ir fazendo-lhe comprehender como ás arvores se deve a regularisação dos climas e dos cursos da agua, a fixação das areias invasoras do littoral maritimo, a propriedade agricola de muitas zonas, a alimentação higienica das populações, a riquiza economica das terras.

Pouco a pouco se lhes vae dizendo como as florestas influem na regularisação das chuvas, e suavizam a secura de certas regiões; como nas planicies são obstaculos naturaes contra a violencia dos ventos, constituindo rédes protectoras á cultura das terras circumvizinhas; como nas regiões montanhosas previnem a formação das correntes e as suas devastações; e, finalmente, como além de valorisar os solos empobrecidos, além de fornecer combustivel, madeiras de construcção, tanino para o curtimento dos couros, cortiça, fructos, essenciaes, e uma infinidade de applicações industriaes, a floresta distribue por todo o anno a humidade necessaria ao desenvolvimento das culturas essenciaes á existencia.

Mais tarde, chama se-lhes a attenção, abrem-se lhes os olhos para a belleza natural da arvore, que é bem a vida, a côr, a alma, a divina poesia das paizagens: quer no inverno, quando parecem mortas, paralisadas, inertes, as suas guedelhas de musgo agitadas pelo vento, empastadas pela chuva ou cobertas de neve, torcendo os seus tristes galhos desprovidos de folhagem ao vendaval inclemente; quer no bom tempo que começa com as victoriosas manhans da primavera, quando acordam da sua somnolencia, a seiva creadora ascende nos seus ramos, novas vergontees espirram, e não tarda que a esmeralda das verduras tenras, no dizer do poeta, as vista de riqueza sumptuosa.

Ao mesmo tempo que se faz comprehender á infancia a belleza das arvores sob todos os seus aspectos, vae-se lhes mostrando como ellas nascem e se desinvolem, e ensina se-lhes a cultivá-las com carinho. Pensa-se que para obter dos homens o respeito pelas coisas bellas e uteis, nada ha de melhor que interessar nesse respeito as creanças das escolas, que o hão de levar ás familias e mais tarde, por sua vez, lhes servirá na orientação com que eduquem os proprios filhos. Pensa se tambem que, de todas as lições de moralidade e de perfeição, aquellas que se recebem no periodo que vae da meninice á adolescencia são as que para sempre ficam e se conservam.

Reprime-se sem nenhum custo a tendencia para o vandalismo destruidor, que entre nós, em Portugal, tantas vezes nos faz assistir a espectaculos de selvageria, na inconsciente anniquilação dos bens prodigalisados pela natureza. Ensina-se a previdencia, que prepara pacientemente o futuro e a solidariedade das gerações que passam: se colhemos os fructos de arvores que outros plantaram, plantemos por nossa vez para que outros gósem os beneficios da nossa obra.

Ha uma comprehensão que parece perfeita, do que tem de ser e do que deve ser a educação das primeiras edades. Noutros meios educativos ainda hoje se procura de preferencia impôr ás creanças o rigôr fastidioso de certos methodos, a disciplina inflexivel que não se compadece com a mais leve sombra de affectuosa tolerancia, e é assim que se extingue nos temperamentos mais frageis essa jubilosa curiosidade das coisas que é o sopro animador de todo o exito do ensino.

Como as escolas são estreitas para conter todo

o bulício e toda a necessidade de movimento destas idades tenras, dá-se-lhes a amplitude dos campos, dos parques, dos grandes jardins. Não é só para que as correrias, os saltos, os exercícios musculares em plena liberdade lhes enrijem o físico, e o bom ar lhes dê cor á face: é para que o contacto directo da natureza influa na sua educação moral e na sua educação estética.

Depois não são só as escolas que assim preparam o gosto pelo cultivo da terra, começando por adaptar ao espirito infantil, sob a forma do brinquêdo, as noções elementares da botânica: são as sociedades, as ligas que por toda a parte se constituem com o propósito de coadjuvar e ampliar a obra das escolas, e tendo por fim especial a insistencia no amor pelas arvores fructíferas e silvestres, evitando a sua destruição, favorecendo a sua cultura.

Quem faz parte destas sociedades ou ligas obriga-se ou a trabalhar terra propria ou alheia, ainda que não seja senão por uma só vez, na plantação de arvores, e a fornecer-lhe as condições necessarias ao seu desenvolvimento, como a póda, a adubação, a destruição dos parasitas; a não destruir ou molestar nenhuma arvore sem provada necessidade, e a impedir que outros o façam.

Como complementares destas, outras sociedades ou ligas se destinam a fazer conhecer e apreciar a belleza e utilidade das flôres, a evitar os estragos nos jardins, a favorecer a floricultura, a promover o bom-gosto no aproveitamento das flôres como elemento ornamental; e a desinvolver o ensino da sua cultura em canteiro e em vaso, tanto para a jardinagem a valer como para o modesto embelezamento de janelas e varandas.

Outras ainda formam-se sómente com o fim de angariar meios pecuniarios para serem conferidos premios em concurso ás creanças que, dentro desta ou daquela circumscripção escolar, mais e melhores cuidados empregarem no cultivo e arranjo dos pequenos jardins, ás vezes d'um simples macisso de flôres, á frente ou á parte de trás das suas casas. As mesmas sociedades ou ligas começam esta pequena obra de estímulo fornecendo em tempo proprio ás creanças assementes que ellas hão-de lançar á terra, e acompanhar dia a dia, com interessada vigilancia e a mira no premio, o poder evolutivo que a ha-de fazer germinar, bracejar, crescer, florir.

As festas do chamado *arbor day* — dia da arvore — são quadros intensos de pureza, de graça, de apothose pantheista das forças da natureza. As clareiras dos parques, as avenidas novas onde vão ser plantadas as pequenas arvores que hão de tornar-se grandes, vigorosas, e hão de durar para muito além da vida de quem agora as aconhega á terra, enchem-se de milhares e milhares de creanças formando pelotões, vestidas de branco ou côres claras, umas empunhando pás, outras hasteando pendões e bandeiras, todas entoando himnos patrióticos. A luz, o sol, a verdura das frondas, as aragens balsamicas que as agitam, o perfume de saúde e de alegria que se desprende de tanta juventude remontam-nos a Plinio. Paira na atmospheria a mesma tocante idéa de fraternidade, infinitamente fecunda, da arvore com o homem, que creou, enriqueceu, dotou o mundo antigo, só por si lhe dando o extraordinario poder agricola que o fez e refez, que atravez de guerras e desgraças tremendas, foi constantemente o seu renascimento.

Cada uma dessas creanças, depois de ter adquirido na escola uma pratica noção da utilidade da agricultura e do proveito que se pôde tirar da terra, recolhe assim uma recordação da sua actividade infantil, que saudosamente o acompanhará pela vida fóra, e lhe será um dos raros encantos da velhice, eternecendo-a talvez até ás lagrimas quando, já homem feito, vir tambem já arvore feita e productiva a pequenina planta a que deu, por assim dizer, a vida.

JOÃO PRUDÊNCIO.

## HOSPEDES ILUSTRES

### Dr. D. Roque Saenz Peña

Presidente eleito da Republica Argentina

A convinte de Sua Magestade El-Rei D. Manuel, esteve de visita, em Lisboa, dos dias 1 a 3 do corrente, o novo presidente eleito da Republica Argentina, dr. D. Roque Saenz Peña, figura prestigiosa e muito conhecida na Europa, onde tem representado o seu país, como ministro, nas

côrtes de Espanha, de Italia e ultimamente na Conferencia de Haya, em que tomou parte activa nos trabalhos da Commissão permanente de arbitragem internacional.

Saenz Peña, esteve de passagem em Lisboa, no anno de 1889, quando se dirigia para Washington a representar seu país no Congresso de Direito Internacional. Por essa occasião foi apresentado á Associação dos Advogados pelo sr. dr. Armelím e, sob proposta dos srs. drs. Paulo Midozi, Francisco de Castro e Manuel Beirão, aclamado socio honorario.

É, pois, conhecido em Lisboa, de longa data, o futuro presidente da Argentina, dessa florescente republica que sempre tem mantido boas relações com Portugal e nos ultimos annos mais se tem aproximado por suas transações commerciaes.

O sr. dr. D. Roque Saenz Peña, nasceu em Buenos Aires, a 19 de março de 1851, filho do dr. Luis Saenz Peña, advogado e notavel jurisconsulto argentino.

Doutorou-se na Universidade de Buenos Aires, em 1877 e no anno seguinte era eleito deputado, dando-se a singularidade de tambem ser logo eleito presidente da camara, apesar de novo, o que é seguramente uma alta prova de sua capacidade, reconhecida por aquella forma. O seu saber, a eloquencia da sua palavra, e a sua bela presença de homem, tudo concorreu para alcançar tal distincção, por ventura, inicio das mais altas missões que lhe estavam destinadas.

Mas se tão laureado entrava no parlamento do seu país, não o foi menos no campo de batalha, quando da guerra entre o Peru e o Chili, elle se alistou no exercito peruano, e, nomeado tenente-coronel do regimento de voluntarios, entrou nas batalhas de Dolores, Tarapacá e Arica, em que pelejou valentemente, embora ferido nesta ultima, ficasse prisioneiro.

Voltando a Buenos Aires, empunhou a pena de jornalista, fazendo parte da redação do *El Nacional*, o mais antigo jornal da republica, e em 1886 fundou *El-Sud-America*, afirmando mais e mais sua grande individualidade de jornalista.

Em 1887 encetava sua carreira diplomatica, nomeado ministro plenipotenciario para a Republica Oriental do Uruguay, cargo que exerceu até 1890, sendo chamado ao seu país para se encarregar da pasta dos negocios estrangeiros.

Durante o tempo em que exerceu o cargo de ministro plenipotenciario no Uruguay, recebeu D. Saenz Peña a nomeação para representar o seu país nos congressos de Montevideu e de Washington, tendo a honra de ser vice-presidente do primeiro.

Mais tarde foi nomeado delegado á *Conferencia Internacional Americana* e eleito membro da comissão especial da *Customs Union*, etc.

Em todas estas altas missões D. Saenz Peña afirmou os seus talentos, como já os havia afirmado, como orador e jornalista, e seu nome adquiriu tanta popularidade na Argentina, que, em 1891, foi-lhe proposta a candidatura á presidencia da republica, honra que declinou, pela razão de seu paer ser proposto á mesma presidencia, não querendo por isso entrar na luta.

No anno seguinte era eleito senador pela provincia de Buenos Aires.

O governo de Figueiras encarregou-o de representar a Argentina no casamento de D. Afonso XIII e pouco depois aceitava o cargo de ministro plenipotenciario na côrte de Madrid. Em 1907 foi transferido para a legação de Italia.

Tem publicado em volume os seus notaveis estudos e discursos sob o titulo *Direito Publico Americano*.

São estes, em rapidas linhas, os principaes traços biographicos do ilustre jurisconsulto e diplomata, eleito presidente da Republica Argentina, e de que Lisboa teve agora a honra da sua visita.

O sr. dr. Saenz Peña foi recebido na estação do Rocio pelo sr. conde de Sabugosa, em nome de El-Rei, ministerio, corpo diplomatico e mais elemento oficial, sendo apresentado pelo ministro da Argentina, sr. Sagastume.

No mesmo dia da chegada, visitou Sua Magestade no Paço das Necessidades, e na mais cor-deal conversação se trocaram idéias sobre as antigas relações dos dois países, em que o futuro presidente da Argentina afirmou sua grande simpatia por Portugal manifestando o proposito de mais estreitar as relações existentes entre os dois povos.

A' noite realisou-se o banquete oferecido por Sua Magestade ao presidente eleito da Republica Argentina e no qual tomaram parte, além do soberano e o dr. Roque Saenz Peña, srs. dr. Garcia Sagastume, ministro da Argentina, e secretario da Legação dr. Manuel Malbran, Patriarca de

Lisboa, conselheiros Teixeira de Sousa, José de Azevedo Castello Branco, marquês de Lavradio, do Faial e de Alvito, condes de Sabugosa e de Figueiró, vice-almirante Ermenegildo Brito Capello, D. Fernando Eduardo de Serpa Pimentel, coronel Antonio Costa, tenente coronel Antonio de Waddington, dr. Oliveira e Eduardo de Mira Cardoso.

O sr. dr. Saenz Peña, visitou tambem Sua Magestade a Rainha D. Amelia em Cintra, e nesta estancia deliciosa se deteve a contemplar a paisagem que atrae as vistas do forasteiro, que difficilmente encontra outras que se lhe comparem.

Na legação da Argentina foi-lhe oferecido um banquete seguido de uma encantadora festa, que muito cativou sua ex.<sup>a</sup> pelos primores da recepção de M.<sup>me</sup> Garcia Sagastume e do sr. D. Baldomero Sagastume.

O ilustre presidente eleito da Republica Argentina retirou de Lisboa, no dia 4, com destino a Berne. Não o fez, porém, sem deixar gratas recordações em Lisboa, da qual foi encantado, tendo afirmado por suas palavras grande simpatia por Portugal de que conhece sua historia gloriosa.



## Os Congressos

### Municipalista, do Porto e das Agremiações Populares Catholicas, de Lisboa

A seguir ao Congresso Nacional, reuniram-se, quasi ao mesmo tempo, os Congressos Municipalista, no Porto e o das Agremiações Populares Catholicas, em Lisboa.

Com respeito ao primeiro, havia um anno que elle se reunira em Lisboa, sendo esta agora a segunda reunião, na Cidade Invicta, reunião tanto ou mais importante do que a que se realisou o anno passado na capital, não só pelas teses de que se propoz tratar, como pela adesão de grande numero de concelhos que enviaram seus representantes, contando-se neste numero os seguintes:

Abrantes, Aguiar da Beira, Alandroal, Albergaria, Alcacer do Sal, Alcochete, Aldeia Gallega do Ribatejo, Alemquer, Alfandega da Fé, Aljô, Almeirim, Amares, Anção, Arganil, Arouca, Arraiolos, Arruda dos Vinhos, Aveiro, Aviz, Baião, Barreiro, Benavente, Bragança, Caldas da Rainha, Caminha, Cantanhede, Cascaes, Castro Verde, Celorico de Basto, Certã, Coimbra, Constança, Coruche, Crato, Cuba, Espinho, Estarreja, Estremoz, Evora, Fafe, Feira, Felgueiras, Ferreira do Alemtejo, Figueiró dos Vinhos, Fornos d'Algodres, Freixo de Espada-á-Cinta, Fronteira, Golegã, Gondomar, Grandola, Guarda, Ilhavo, Lagos, Lamego, Leiria, Lisboa, Lourinhã, Louzã, Lousada, Mação, Macedo de Cavaleiros, Macieira de Cambra, Mafra, Maia, Mangualde, Mantegias, Marvão, Mattosinhos, Mealhada, Moita, Montemor-o-Novo, Montemor-o-Velho, Niza, Obidos, Odemira, Oliveira de Azemeis, Oliveira de Frades, Oliveira do Hospital, Ovar, Paços de Ferreira, Paredes, Paredes de Coura, Penacova, Penafiel, Penedono, Peniche, Peso da Regoa, Pinhel, Pombal, Ponte da Barca, Ponte do Lima, Ponte do Sor, Portalegre, Portel, Povo do Varzim, Reguengos de Monsaraz, Ribeira de Pena, Santa Comba-Dão, Santa Maria de Penaguião, Santarem, Santo Tirso, S. Pedro do Sul, S. Tiago do Cacem, Seixal, Serpa, Setubal, Silves, Sinfães, Sobral de Mont'Agrazo, Taboão, Tavira, Tomar, Torre de Moncorvo, Torres Novas, Torres Vedras, Trancoso, Vagos, Vallongo, Vianna do Alemtejo, Vianna do Castello Vila do Conde, Vila Franca de Xira, Vila Nova de Cerveira, Vila Nova de Gaia, Vila Nova de Paiva e Ponte do Sol.

As teses apresentadas foram as seguintes:

*Viação publica*, relator: sr. Xavier Esteves.

*Instrução primaria e bibliotecas populares*, relator: sr. dr. Correia Pacheco.

*Assistencia infantil*, relator: sr. dr. Candido de Pinho.

*Ação municipal na questão das subsistencias*, relator: sr. Bernardino Vareta.

*Infancia desvalida e mendicidade*, relator: sr. dr. Correia Pacheco.

*Supressão dos impostos municipaes de consumo*, relator: sr. dr. Duarte Leite.

*O referendum popular substituindo a tutela administrativa*, relator: sr. Miranda do Vale.

*Municipalização de serviços*, relator: sr. dr. Nunes da Ponte.

*Expropriações*, relator: sr. dr. Duarte Leite.  
*Remodelação do contencioso administrativo*,  
relator: sr. dr. Germano Martins.

*A organização administrativa e as franquias  
legaes*, relator: sr. dr. Jacinto Nunes.

Todas as teses annunciadas foram largamente discutidas, especialmente a que se referia ao *referendum popular*, em que alguns oradores, como o sr. dr. Antero de Sousa Pinto e outros, provaram que o povo português, pelo seu atraso, não está apto a exercer o *referendum popular*.

Da discussão das teses propostas derivaram conclusões importantes que certamente não se poderão pôr em pratica rapida e prontamente no poderão pôr em pratica rapida e prontamente no seu conjunto, mas que é bom conhecer para avasaliar o espirito e o sentir da nação nas reivindicações dos seus direitos municipalistas que são nem mais nem menos que os direitos e a vida da nacionalidade.

Mal se compreende como a nação anda tão divorciada dos governos e estes daquella, mas é um facto que se tem vindo evidenciando ha mais de meio seculo a esta parte, em que a nação faz esforços supremos para se levantar e progredir, e a cada passo são atrofiados pelos governos que dizem a governam em seu nome, mas em verdade simplesmente a exploram em nome dos partidos.

De encontro ás conveniencias e interesses dos partidos, convencidos de que o país é delles, esbarram todas as reformas de utilidade geral para a nação, e prevalecem as que só beneficiam os interesses partidarios, quando não se fazem apenas para aproveitar a uma ou outra individualidade politica.

E' assim que as despesas publicas tem quintuplicado e mais, nos ultimos cincoenta annos, a divida publica, subindo a centenas de milhares de contos, e não obstante tudo, ou quasi tudo, está por fazer neste país, onde os melhoramentos materiaes se encontram apenas esboçados, a instrução atrazada, a educação perfunctoria e, consequentemente, o pseudo cidadão alheio de todos os seus deveres civicos.

Neste estado social bradam no deserto todos aquelles que vem propôr reformas uteis em harmonia com os progressos das ciencias e dos tempos, e todo esse trabalho de congressos não passará duma aspiração, sem vislumbre de realisar-se.

As conclusões deste congresso ficarão no papel, como no papel ficaram as do precedente, continuando os governos indifferentes a esses trabalhos tendentes a melhorar o estado social da nação e assegurar-lhe as suas reivindicações.

Feitos estes ligeiros reparos, só ha que louvar o trabalho dos congressistas.

Aos trabalhos do congresso, que se repartiu por quatro sessões, sendo a primeira no dia 18 de junho, presidiu o presidente da Camara do Porto, sr. dr. Candido de Pinho, que abriu e encerrou o congresso com dois notaveis discursos, em que, principalmente, historiou e fez sobressair a importancia das municipalidades desde a sua origem, como nucleo das nacionalidades.

Durante os dias do congresso, cujas sessões de discussão de teses foram ás noites, os congressistas realisaram varias visitas e digressões, principiando por visitar a Biblioteca Municipal e Museu, Cemiterio, Colegio dos Orfãos e Instituto dos Cegos. No segundo dia deram um passeio fluvial no rio e visitaram alguns grandes depositos de vinhos. No terceiro dia visitaram o cemiterio de Agramonte, Posto de Desinfecção e porto de Leixões. No quarto dia visitaram o edificio da Bolsa, Misericordia, Hospital de Santo Antonio, Asilo de Surdos-Mudos, Palacio de Cristal e fabricas do Jacinto. Por fim visitaram o quartel de bombeiros, onde assistiram aos admiraveis exercicios que ali se executaram. No quinto e ultimo dia visitaram a Estamparia do Bulhão e a grande fabrica de sedas do sr. F. J. Nogueira, Filho & C., e á noite teve lugar o banquete de despedida na grande sala da Fotografia União, á praça da Trindade.

O Congresso das Agremiações Populares Catholicas celebrou a sua quinta reunião, em Lisboa, nos dias 24 a 26 de junho, com sessões diurnas no Circulo Catolico, e sessões noturnas na igreja da Graça.

Inaugurou-se este quinto Congresso com uma imponente manifestação de fé catolica. No dia 24, pelas 8 horas da manhã, houve, na igreja da Graça, uma missa solemne com communhão geral, ministrada por Sua Eminencia o Patriarca D. Antonio e sr. Arcebispo de Mitylene, a que concorreram cerca de 3.000 catholicos, seguida de sermão pelo revd.º dr. Luis Gonzaga Cabral, que

foi mais um brilhante discurso deste notavel orador sagrado, tratando da democracia cristan, como «a mais prefeita e a mais nobre de todas as democracias».

O fim principal deste congresso, sintetisa-se na Federação das Associações Catholicas, aspirando a uma federação universal.

Como inicio, agrupam-se por caracteres communs as diferentes agremiações militantes dentro da Igreja Catolica, dividindo-as em cinco secções que respectivamente se occupam:

Da Religião — Da Acção Social — Da Beneficencia — Da Juventude Catolica — Das obras feminas.

Os fins principaes desta federação, são, além de tornar efetiva a solidariedade cristan, conseguir e conservar a liberdade da acção religiosa, e defender a integridade da fé e interesses religiosos, em caso de perseguição.

Neste sentido se dirigiram os trabalhos deste congresso e se desenvolveram as teses nelle apresentadas, principiando pela da primeira sessão.

*Necessidade de direção superior na Acção Social Catolica*, pelo sr. dr. Bentes Castel-Branco. Demonstra as vantagens das caixas Raiffeisen estabelecidas já na Alemanha e na Italia, onde se empresta dinheiro a 3 1/2 por cento; a influencia do elemento popular catolico na Inglaterra que deu o triunfo a Asquit sobre os lords e quanto essa mesma influencia tem cooperado na Belgica para a decuplicação da riqueza publica, com a permanencia de um governo ha 27 annos!

A primeira sessão noturna, assim como ás subsequentes, presidiu Sua Eminencia o Patriarca D. Antonio, que proferiu um brilhante discurso inaugural, fazendo sentir que é principalmente ao proletariado que a obra do congresso melhor aproveita, pois é pela Caridade que as reivindicações sociaes se pôdem fazer passiva e justicavelmente. Por fim trata do papel da mulher na sociedade, frisando que ella nasceu para esposa e mãe, para anjo do lar, amparando o homem com a ternura de sua alma.

Segue-se o sr. dr. Sousa Gomes, que enuncia a sua tese: *Conveniencia de organisar o ensino social cristão nas agremiações populares*. Um dos meios conducentes a este fim entende serem as conferencias expositivas e apologeticas da doutrina cristan apresentadas com clareza e com verdade.

A tese: *Duração do trabalho — reivindicações do primeiro de maio*, é defendida pelo sr. Antonio José Rodrigues, operario do Porto, onde reside na rua de S. Braz, n.º 104.

Este congressista desperta grande interesse na assembleia por sua qualidade de operario e de conferente. Na verdade, a fluencia com que discursa afirmando a sua funda crença religiosa, demonstra como dentro da religião, observando os seus ensinamentos, se pôdem satisfazer pacificamente as justas reivindicações do operariado.

«Renunciariamos ao titulo de catholicos, diz o orador, se não quizessemos atender ás justas reclamações dessa multidão que calcija as mãos no manejar da garlopa e do malho, do cinzel e da lima, do alvião e da enchada; dessa multidão que dirige maquinas, funde metaes, revolve a terra e perfura minas; dessa multidão que abre avenidas, levanta edificios, construe pontes, sulca mares e une distancias; dessa multidão emfim que tudo fez e tudo produz e nada tem e que tem direito a uma vida mais humana, mais justa, mais feliz.»

As palavras do operario calam fundo na assembleia, que por vezes se ergue num grande impulso de aplausos ao orador, que revela estudo e profundo conhecimento do assunto da sua tese, não obstante declarar que: «a minha escola, foi a officina, o meu livro, o trabalho, o meu curso, o sofrimento; aprendi na dôr a sublimidade da religião, na privação a justiça das reclamações operarias e na aspiração a grandesa da democracia cristan».

As conclusões da sua tese são as seguintes:

«Reclama: 1.º O cumprimento da lei do descanso dominical; 2.º O cumprimento e fiscalisação da lei sobre o trabalho dos menores e mulheres nos estabelecimentos industriaes e commerciaes; 3.º Creação de bolsas de trabalho; 4.º Inspecção aos estabelecimentos industriaes e commerciaes, verificando as suas condições de hygiene e segurança; 5.º Fixação dum limite da duração do trabalho quotidiano; 6.º Legalisar um minimo de salario; 7.º Modificação do art. 277.º do codigo penal, num sentido mais amplamente democratico e social; 8.º Diminuição dos impostos de consumo, sobre os generos de primeira necessidade; 9.º Legislação sobre o problema da habitação operaria; 10.º Creação de caixas de aposentação operaria; 11.º Creação de um minis-

terio de trabalho; 12.º Representação da classe operaria no parlamento; 13.º Difusão do ensino civil, moral e religioso, com escolas higienicas e profissionaes e material necessario; 14.º Penalidade severa contra a agiotagem e pornografia; 15.º Protecção ao trabalho nacional.»

Por fim faz um apelo ao reverendo episcopado presente, para que advogue na camara dos pares a causa do operariado português.

Esta primeira sessão publica do Congresso fechou com chave de ouro, o que não foi surpresa, sabendo-se que falava o sr. Arcebispo de Evora D. Augusto, que produziu um dos mais brilhantes discursos da oratoria portuguesa classica, na esplanação da sua tese: *Educação civica — culto dos nossos heroes — Nuno Alvares — respeito á bandeira*. Foi poeta, foi erudito, foi eloquente. Falou além da hora e o auditorio não se enfadou, esteve suspenso da sua palavra, que aplaudiu em arrebatamentos de entusiasmo.

No dia 25 reuniram no Circulo Catolico as secções: Social, sob a presidencia dos sr. dr. Pinto Coelho; Secção de senhoras, sob a presidencia da sr.ª condessa de Cintra; Secção religiosa, sob a presidencia do sr. Arcebispo de Mitylene; Secção da juventude, sob a presidencia de sr. dr. Sousa Gomes; Secção da Beneficencia, sob a presidencia do sr. Dr. Antonio de Lino Neto.

A noite houve a segunda sessão publica, na igreja da Graça.

O primeiro orador foi o sr. Bispo do Algarve, D. Antonio, que falou sobre a tese: *Boas leituras*. Foi de rara eloquencia afirmando que as leituras boas são as que alimentam o espirito em ordem á verdade, ao bem e ao belo; as más são as que opostas á fé e á moral, induzem ao erro inclinndo a vontade ao mal e combatem a sensibilidade.

Fala depois a sr.ª D. Emilia Patacho que discursa com muita sciencia e sentimento sobre a tese: *A mulher mãe e educadora*.

O sr. dr. Jacinto Candido fala depois sobre a tese: *A representação do operariado no parlamento*. Por sua ordem discursam ainda os srs. Dr. Antonio Lino Neto, Zuzarte de Mendonça e por fim o sr. Bispo de Beja, D. Sebastião, sobre a tese: *Escolas profissionaes*. Discorre largamente sobre o assunto que praticamente conhece, pois fundou as Officinas de S. José no Porto, que por muitos annos dirigiu, e propõe para o Alemtejo escolas agricolas.

Na reunião diurna do ultimo dia do Congresso, ficou eleita a comissão central, assim constituída:

Pela Juventude: Dr. Francisco de Sousa Gomes — Educação religiosa: Dr. Manuel Mendes dos Santos — Secção social: Zuzarte de Mendonça — Beneficencia: Dr. Carlos Pinto Coelho — Secção das senhoras: Dr. Pinheiro Torres.

No Braganza, a Juventude Catolica, ofereceu um banquete em honra do Congresso em que tomaram parte, além de outros congressistas, o sr. Nuncio Apostolico, os srs. Arcebispo de Mitylene e de Evora e os srs. Bispos do Algarve e de Beja. Neste banquete são levantados brindes ao Chefe da Igreja Catolica, a Sua Eminencia o Patriarca de Lisboa, ao Episcopado português, etc.

Eis nos chegados á terceira sessão publica com que terminou o Congresso.

Tem primeiro a palavra o sr. Arcebispo da Guarda que discursa brilhantemente sobre a: *Necessidade de ensino religioso na escola primaria, secundaria e superior*.

Discursaram ainda com notavel eloquencia e sciencia os srs. dr. Domingos Pinto Coelho, conselheiro Silva Bruschy, Fernando Matta Cardoso, estudante, dr. Pinheiro Torres e por fim o sr. Bispo de Portalegre sobre a utilidade das creches, sob o ponto de vista da educação fisica, da educação moral, e sob o ponto de vista social. O seu discurso foi bem deduzido, em campo pratico, calando no animo da assembleia que lhe prestou a maior atenção e aplauso.

Sua Eminencia encerra a sessão com um discurso congratulatorio pelo brilho com que decorreram as sessões do Congresso, lançando por fim, o sr. Nuncio Apostolico, a Benção Papal sobre todo o auditorio que enchia o grandioso templo da Graça.



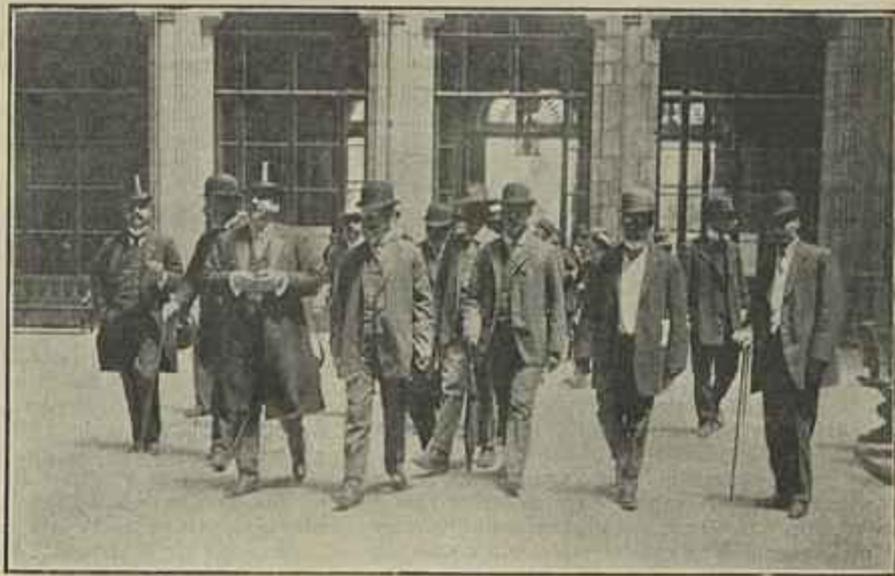
## As festas de verão no Porto

A cidade do Porto compreendendo melhor os interesses do seu commercio e movimento, do que a capital do reino, tem vindo, ha annos, realisando festas publicas, chamando assim concorrência á cidade e convivencia com os forasteiros

## OS CONGRESSOS



DR. CANDIDO DE PINHO  
Presidente do Congresso Municipalista, do Porto



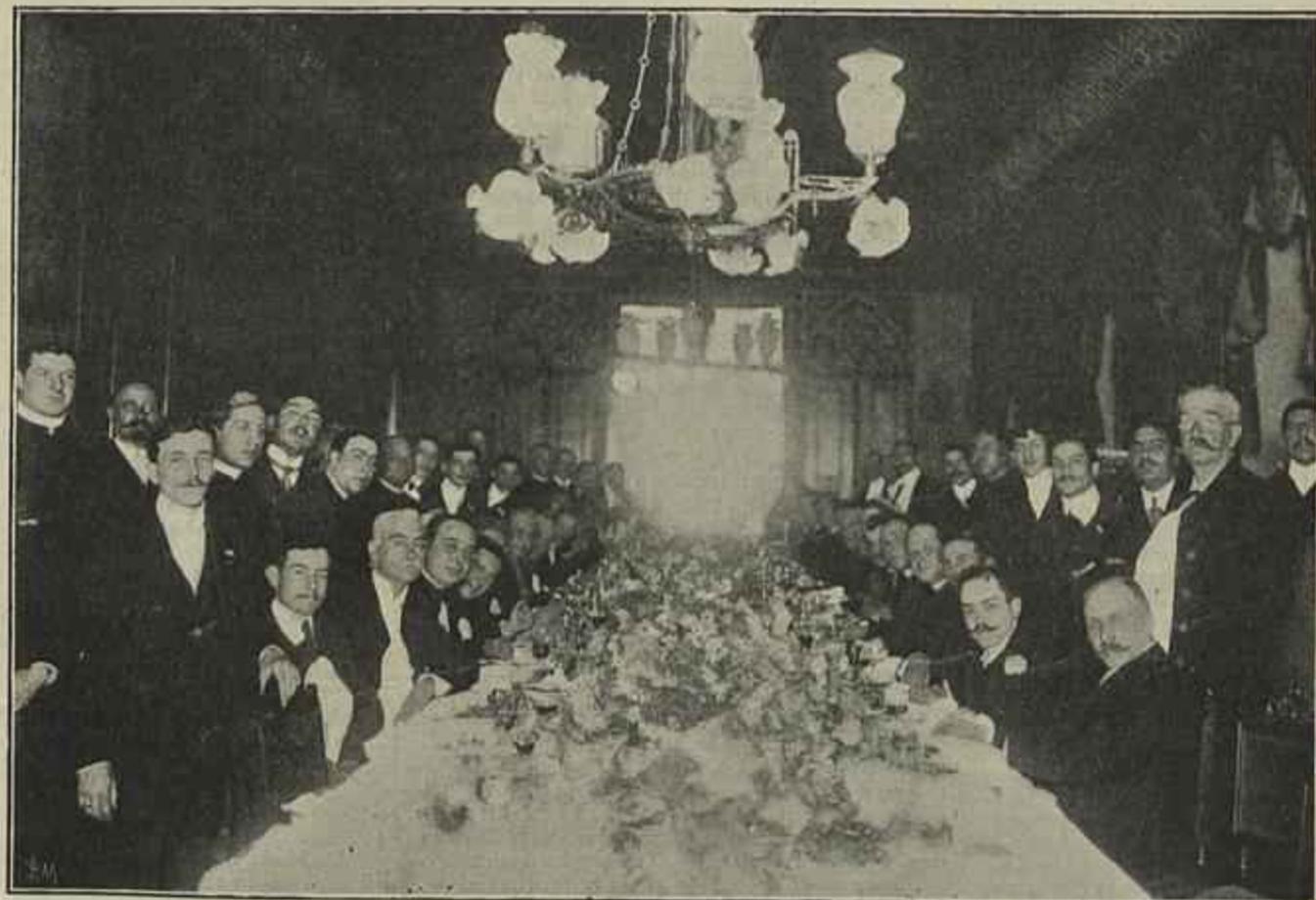
CONGRESSISTAS MUNICIPALISTAS, NO PALACIO DA BOLSA, NO PORTO



CONGRESSISTAS MUNICIPALISTAS, NO PALACIO DE CRISTAL, NO PORTO

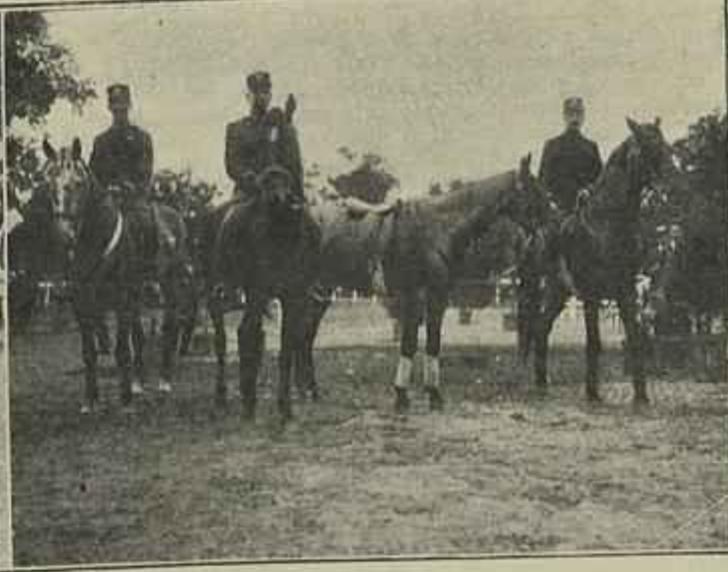


ANTONIO JOSÉ RODRIGUES  
Orador popular, no Congresso das Agregações Populares Católicas, em Lisboa



O BANQUETE NO HOTEL «BRAGANZA», OFERECIDO PELA JUVENTUDE CATOLICA AOS CONGRESSISTAS

## As Festas de Verão, no Porto



S. A. o Príncipe D. Affonso assistindo às festas de verão — Serafim Antunes Guimarães, Romão Casals, Ferreira da Cunha, respectivamente premiados com 1.º premio, premio D. Amelia e premio D. Affonso — Primeiro premio de apresentação de cavalo, conferido ao sr. Jayme Alto Mearim — Premiados com o 1.º, 2.º e 3.º Grande Premio do Porto, tenente Latino, alferes Mesquita e tenente Solano de Almeida — 1.º e 2.º premio da Prova Nacional, tenente Cunha Menezes, capitão Reis — A Festival noturna, no Douro — Os membros do júri.

(Instantaneos de C. Pereira Cardoso)

que ali acodem de varios pontos do país, o que animará a vida e commercio portuense.

Na vanguarda dessas festas figura no primeiro plano o Club dos Fenianos, pela iniciativa tomada e pelo acerto com que as tem dirigido e brilho que lhe tem dado.

As principaes praças e ruas do Porto foram ornamentadas com muita arte e gosto, oferecendo aspéto realmento pitoresco e lindo. A cidade encheu-se de forasteiros para gosarem as festas, e á noite mais surpreendente era seu aspéto, com as vistosas iluminações de efeito fantastico.

No Palacio de Cristal houve uma festa diurna pelo Club dos Grulhas, que foi um dos numeros mais originaes e engraçados do programa.

Na quinta dos Wan Zelleres efetuou-se o concurso hípico internacional, com grande e distinta concorrecia, assistindo ás corridas Sua Alteza o Principe D. Affonso, que foi expressamente ao Porto para esse fim.

Os premios foram disputados briosamente por distintos cavaleiros do Porto e de Lisboa.

A festival no rio Douro, á noite, foi deslumbrante, quer pelo lindo efeito das iluminações, quer pelos fogos de vista, não obstante uma chuva que cahiu pelas dez horas da noite, ter impedido que se concluísse o programa que era variadissimo.

Houve tourada, para a qual o Club dos Fenianos comprou ao sr. Victorino Froes por 2.000\$000 réis, o gado que infelizmente se prestou pouco á lide.

Outro numero do programa, foi um grande cortejo festivo que á noite percorreu os principaes pontos da cidade e que constituiu um magnifico espetáculo, pelos numerosos grupos populares que tomaram parte, com trajes característicos e de fantasia, com suas danças e descantes e varios carros alegóricos artisticamente ornamentados.

As festas prolongaram-se até o dia 29, fechando com o banquete que o Club Portuense ofereceu a Sua Alteza o Principe D. Affonso.



## Individualidades

Por Henrique das Neves

Recebemos, com um amavel oferecimento do seu autor, este livro agora publicado na *Coleção A. M. Pereira*, o qual muito agradecemos.

A admiração e estima que temos pelo seu autor, que tantas vezes tem colaborado no OCCIDENTE com seus bellos escritos, obriga-nos gostosamente a uma referencia especial sobre o livro *Individualidades*, tanto mais que é elle de um destaque superior, na literatura contemporanea, pelo assunto, tratando de homens e factos notaveis, mas principalmente pelo seu estilo engraçado, humorístico até, que caracteriza o autor e a sua obra, por vezes tão brilhante quanto ironico.

É um livro de boa e san literatura como já pouco se faz, cheio de recordações conso'adoras e de interesse de historia contemporanea, que se reparte pelas suas dusetas e tantas paginas, cuja leitura não fatiga e antes se sente não alongar-se.

Tendo lido essas dusetas e tantas paginas com verdadeiro prazer, em que ora falam de Alexandre Dumas, de Joaquim da Costa Cascaes, de Manuel d'Arriaga, de Sebastião do Canto, de João de Deus, Luiz Guimarães e tantos outros, ora descreve cenas interessantes, típicas e anedóticas, fecha com uma engraçada monografia sobre o *Rei dos Tambores*, tipo popular que Lisboa conheceu ha annos e que hoje é uma alegre recordação.

Como excerpto do livro, a que não queremos tirar novidade para o leitor, d'elle extraímos o *Rei dos Tambores*, que será lido com prazer.

### O Rei dos Tambores

(Que se celebrizou em Lisboa, nas noites do antigo Passeio-publico, exhibindo as suas habilidades lyricas em tres tambores e um bombo, conjunctamente, e que mais tarde foi encontrar na ilha de S. Miguel).

A primeira vez que entrei pela villa da Ribeira Grande, o que me surpreendia de mais em mais, á medida que ia avançando n'aquella interminavel rua principal que começa em S. Pedro, não era o encontrar uma «rua grande» em vez d'uma «ribeira grande»; não; o que me levava não só surpreendido, mas tambem intrigado, eram uns

grandes cartazes coloridos que, n'uma esquina por outra, mettiam pelos olhos da gente a grandes letras:

### BATALHA DE REZONVILLE

Por cima e por baixo d'aquellas palavras haviam outras miudas, que da linha central do caminho não se relanceavam distinctamente, e eu ia marchando rectiliniamente ao lado do meu destacamento.

Que interesse! que curiosidade singular suggeria áquelle povo, aparentemente tão pacifico, tão «mettido com a sua vida», uma das batalhas dos tres dias de Metz?! Era de cahir das nuvens para quem vinha da cidade, onde as unicas batalhas que se discutiam eram as do homem com a natureza, para lhes conquistar o milho, a fava, a laranja, etc.

Eu bem ia observando, não ha duvida, que era uma grande povoação, uma villa propriamente dita, que eu atravessava, e não a mui antiga e nobre villa de Paredes (5 legoas ao norte do Porto). Sim, porque não ha maior mystificação do que a tal villa, pelo menos como ella era quando ha annos lá passei um dia. Ia-se por uma azinhaga fóra, muro d'um lado, sébe do outro, casinhola aqui, outra além, e ao fim, ao virar para uma ruela, via-se então no muro uma lapide: *Rua 9 de Julho*. Seguia-se pela ruela de casebres que já mal se amparavam, lapide ao fim: *Rua 24 de Agosto*. A ruela sahia convergindo com duas travessas a um pequeno terreiro irregular e mal cuidado: *Largo de D. Tareja*. Tomava-se por uma viela *Rua 29 de Setembro*. Emfim, continuando-se de passeio n'este calendario acabava-se na grande *Praça d'Affonso Henriques!*

Repito: marchando pela rua principal da Ribeira Grande bem ia observando, que era pelo menos uma villa materialmente notavel e grandiosa aquella em que eu ia estacionar por dois mezes. O animo bellico do seu povo animando os livreiros a annunciarem alli historias de guerras, tal incoherencia n'um povo agricola e affastado por 300 leguas de mar do continente onde se feriram as batalhas franco-allemaes, isto é que eu não sabia explicar e, como disse, me levava intrigado deveras.

Logo que me desembarcei das minhas obrigações iniciaes fui flunar pela villa. Então, ao passar pelo primeiro cartaz que se me deparou, li soffrego de curiosidade o seguinte:

### BATALHA DE REZONVILLE

Em tres tambores e um bombo

PELO

REI DOS TAMBORES

*Além d'esta peça inteiramente nova, que será executada pela 1.ª vez, no proximo domingo, haverão os costumados trabalhos gymnasticos, acrobaticos, dança hespanhola, etc., etc. O espectáculo será no granel do sr. F... á Ribeira Sêca.*

O Rei dos Tambores! Nova surpresa para mim. O que! será aquelle mesmo ratão, cogitava eu, que em Lisboa se apresentou com este modesto titulo, e que eu vi, uma noite de Passeio Publico, acompanhando nos seus tres tambores e um bombo a musica dos ex-cegos da Casa-pia?! (1).

Pois era elle mesmo, o proprio, o unico, que me apparecia agora na costa norte da ilha de S. Miguel, modesto e simples entre os mortaes como outro, o Rei d'Ivetot. Mal teria decorrido meia hora, ainda eu ruminava a leitura do cartaz, quando ao entrar n'uma loja, me acho frente a frente com o sr. José do Rosario (o-seu nome familiar). Ahi, conversando nós mão a mão, ia eu ao mesmo tempo notando para mim a authenticidade d'aquella personagem de ruidosa celebridade: o seu bom ar marcial, para o que concorria sobremaneira o napoleonico bigode pontagudo; o seu nariz, um tortulho rubro e afogueado, denunciando batalhas antigas, mas menos innocentes do que a de Rezonville; a *rosete* na *boutoniere* da sobrecasaca; e de mistura com esta marcialidade exterior d'um *tambor-major* da guarda imperial (evidentemente o seu ideal) um certo tom *bonhome* nos gestos, nas maneiras, nas attitudes, no sorriso, o tom d'um aposentado da *Gloria*, d'um chefe de familia mais interessado em

levar as compras em conta para casa, do que nos triumphos vertiginosos da grande *Arte*.

Um dos circumstantes com quem elle conversava quando eu entrei, aproveitou uma pausa do nosso dialogo, para lhe ser amavel, lisongeando-o pelo concerto que elle recentemente tinha feito no relógio da torre do Nordeste (*Reclame*: o sr. José do Rosario, concerta relógios, órgãos, pianos, etc.)

— Quer saber? Ouvi dizer a pessoa muito entendida, observava-lhe o tal sujeito, que o sr. José do Rosario concertára muito bem o relógio do Nordeste. Diz que trabalha agora que se póde ver.

— Sim, confirmou elle n'um tom ironico, se concertar o relógio é desmanchar a torre...

Vi que estava ali um homem d'espírito. E comeci de notar que a realza do sr. José do Rosario só se impunha quando espectacularmente tomava *pose* junto dos seus tres tambores e um bombo (tal qual já o vi photographado). Então sim; ahi era Rei; e por assim ser é que elle muito justamente um dia se dirigiu á platéa irreverente de Ponta-Delegada n'estes termos: «Meus senhores: é preciso medir bem as distancias...» De resto nunca me pareceu, diga-se em sua honra, que elle pretendesse ser mais do que um singelo plebeu como qualquer de nós com quem elle conversou na loja.

E eu, recolhendo-me á minha nova habitação, de caminho recordando aquella trindade comica, Brahma, Vichnou e Sciva, que dispozeram superiormente do riso da capital durante o anno de 1:87 e tantos, e que eram o Rei dos tambores, Justino Soares (o dançarino) e Cecilia Fernandes (a modista). Oh! se o Rei... era, *par droit de conquete et par droit de naissance* o Brahma da ridicula trindade, Cecilia, a do *reclame*, era sem contestação Sciva, a burlesca divindade do mal. Que o digam os maridos generosos e os paes condescendentes.

Chegou emfim o domingo e a hora (4 da tarde) do annunciado espectáculo.

Cá estamos no granel, e para sermos pontuaes não hesitámos em sacrificar um pouco o andamento do sagrado culto do jantar. O granel, agora convertido em sala d'espectaculo, é uma casa rectangular, paredes de pedra sem rebouco, e tecto de travejamento nu e telha solta. Excelente para verão. Um terço da capacidade da casa são os camarins da *troupe*; lá estão duas cobertas de chita pendidas verticalmente que determinam a divisão inultrapassavel. Nos dois terços restantes, duas fileiras de cadeiras de pau paralelas ás paredes maiores e no sentido do comprimento da casa constituem a *superior*; na parede do topo da casa, opposta aos camarins, está a *geral*, que é um amphitheatro improvisado, com taboas e travessas usadas, subindo proximoamente em oito degraus e attingindo não menos de quatro metros de altura. Entre as duas fileiras mais adiantadas de cadeiras e a bancada inferior da geral é a arena. Orchestra, um cançado e roufenho reallejo que móe por igual a *Marselheza* e a *Traviata*. N'aquella tarde a enchente era real.

O realejo pára, emfim, e ouve-se a voz do sr. José do Rosario, que nos vem detras das cobertas:

— Meus senhores: Se vae dar principio á *la gran funcion* gymnastica, acrobatica, mimica, coreographica, lyrica, etc., etc., etc.

Dito isto saem de lá todos e avançam até entre as cadeiras a saudar o publico; depois do que comecam os trabalhos como é de regra pela exhibição de saltos e cabriolas por toda a companhia.

É bom de saber-se que toda a companhia eram 5 pessoas:

Elle o Rei, duas filhas (princezas, está claro), e dois rapazitos estranhos á familia: Chouriço e Pepino (nomes de guerra).

Pouco mais ou menos quando a *troupe* terminava o primeiro trabalho e se recolhia á casta protecção das cobertas de chita, ouve-se subitamente o estalar das telhas do granel sob as pancadas d'uma saraivada de calhaus! Panico geral, que paralysoou toda a gente. Oh! mas não a Rainha, bilheteira e porteira, unica da casa, que não obstante o peso d'um futuro *princez* que lhe tomava o ventre, corre d'investida e sarrafo em punho sobre os suspeitos meliantes, que os põz em debandada d'uma vez para sempre. Tinha sido o caso que alguns labregos a quem ella não tinha deixado entrar, uns por já não terem logar, outros por estarem bebidos, se tinham arremetido lá fóra para bombardearem o granel.

E fizeram-n'o; e o bombardeamento continuaria...

Mas o sarrafo...

Passado o episodio, continuou tranquillamente

(1) A banda dos cegos ex-alumnos da Casa-pia, fora annunciada n'um cartaz da praça dos touros nos seguintes termos: «Abrilhanará o espectáculo a banda dos alumnos ex-cegos da Casa-pia».

o espectáculo, conforme o programma manuscrito collocado á porta:

2.<sup>o</sup>— Difficil e nunca visto trabalho d'equilibrio nas andas, por Pepino.

3.<sup>o</sup>— Bailado hespanhol pela sempre applaudida artista F... (foi seu pae, Elle, que tocou n'um clarinete o bolero que ella dançou. Encyclopedico!!!)

4.<sup>o</sup>— Surprehendedentes e maravilhosos exercicios n'uma cadeira pelo sympathico Chourico.

5.<sup>o</sup>— Perigosos equilibrios na corda bamba pela nunca assaz admirada artista F.

Emquanto esta princeza, de maromba horisontal nas mãos, avançava e retrocedia na corda com a mais prudente moderação— excellente testemunho do seu instincto de conservação das costellas— seu pae não menos extremoso, acompanhando-a debaixo, agora para diante, depois para traz, ia-lhe recommendando, ora *doucement* ora *vite*, o que lhes dava o prestigio d'artistas estrangeiros; havendo n'isto a admirar principalmente a originalidade perfeitamente inédita, d'elle animar a filha a aligeirar-se repetindo-lhe apressadamente *doucement, doucement*, ao passo que lhe refreava uns simulados impetos artisticos n'um tom brando e espaçado — *vite... vite...*

Acabadas as difficuldades, a menina saltou airoosamente ao chão como um anjo cahindo do espaço; equilibrios e francez foram muito applaudidos, e retiraram-se todos.

Chega o momento solemne (fim da 1.<sup>a</sup> parte) **BATALHA DE REZONVILLE.**

Os rapazitos trazem um pequeno cavalete para o centro da arena e sobre elle deitam os tres tambores atados entre si, dois por baixo e um por cima, formando um triangulo. Depois vem o bombo, que é içado do chão por duas cordas suspensas d'uma trave até ficar immediatamente acima do tambor superior. Os rapazitos retiram.

Eis então que nos apparece Elle, o grande Artista, de baquetas em punho!

Oh! Mas que transfiguração!

O calção é o mesmo de veludilho preto com um galão acobreado, não ha duvida: a mesma meia de linha contornando uma barriga de perna d'archoiro; o mesmo sapato liso, sem salto, d'entrada abaixo; a mesma camisa, enfim, de peitilho amplo e bem brunido. Bem sabemos isso.

Mas que ar de convicta superioridade! mas que consciencia da propria grandeza! que avançar entre solemne e modesto até junto do *instrumento!* que garbo! que alteza ao tomar attitude junto das pelles! Era outro; todo outro. Uma realza em toda a plenitude!

Os tres tambores estavam-lhe a geito das mãos, abaixo dos hombros; o bombo ficava-lhe pela altura da cabeça.

O silencio nas duas platéas bem mostrava que estavam dominadas por alguma cousa de grandioso e d'estranho.

Começa a batalha.

O som longinquo de caixas fortes imita o som dos tambores que veem cadenciando a avançada dos regimentos; o som vae crescendo e multiplicando-se, os regimentos adiantam-se, *pum*, um tiro d'artilheria simulado no bombo; os tambores batem o passo de carga aos regimentos; *trum*, uma descarga de fuzilaria; e a marcha impavida dos regimentos cada vez mais distincta; *pum, pum*, um, dois tiros d'artilheria; lá se ouve o passar dos esquadrões ao galope; e mais canhonada, e mais rufo, e mais *reu pleu*, até que chega o momento terrivel em que sob as vaqueas vertiginosas d'Elle, todos os mil sons épicos da phase desesperada d'uma batalha se vão ouvir alli simultaneamente.

N'isto um ruido enorme — *rrum* — Assombro geral! — a escadaria da platéa geral que desabára inteira no chão: mulheres e homens de pernas viradas ao ar; uma gritaria infernal, uns gemendo dolorosamente com as pernas torcidas ou nas nageas escalavradas, outros gargalhando, porque passado o susto sentiam-se saos e escorregados: os espectadores mais timidos das cadeiras e algumas mulheres contundidas pelo trambulhão, dando-se por satisfeitos, e safando-se á chucha calada; enfim, um charivari enorme.

Passaram os primeiros momentos de estupefacção. Os desgraçados ainda se lastimavam, cahidos sobre as taboas e barrotes que á uma tinham vindo em peso ao chão, quando Elle, serenamente, avança até á derrocada e alli, entre as victimas, batendo as palmas para restabelecer o silencio e annunciar providencias, diz com o melhor sorriso ironico que eu tenho visto:

— Vá, meus senhores. Este incidente está passado. Vamos continuar. Aos seus logares, meus senhores, que este incidente está passado.

Aos seus logares, meus senhores!!!

Mas... quaes logares?!

N'este lance, creio, que mais d'uma das victimas escalavradas, sentiu impetos de lhe cortar as *regias* guelas, em satisfação ao convite ironico e ainda com sua pontinha de troça. Eu, porém, admirei o grande homem, a quem a adversidade não desconcerta, para quem não ha Waterloo que o vençam.

E exclamei comigo convictamente: De certo poderá existir jámais, outro Zé do Rosario como este; é o verdadeiro marau de tres rufos e um assobio!

HENRIQUE DAS NEVES.

## A casa submarina

POEM

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1134)

— «O mundo é só para ti e para mim, me dizia elle.»

«E eu, Jasper, acreditei-o porque não sabia ainda o que era ser mulher

«Tudo me encantava, tudo que me dizia me fascinava a ponto tal, que me trazia presa, submissa, acorrentada a elle.

«Aquelle homem tinha percorrido todos os paizes, conhecia muitas cidades, sabia falar de tudo, como ainda não tinha ouvido falar homem nenhum. Talvez, se não tivesse tido tanto talento, as coisas corressem d'outra maneira. Todos os outros homens, todos os que conhecia, excepto um...»

— Excepto um, disse?... — e o sentido d'estas palavras não me podiam deixar duvida alguma.

Mas Ruth, voltou a cabeça para o outro lado sem me responder.

— Sim — continuou como se não houvesse extranhado a minha pergunta — mas eu era muito criança e não percebia nada. Os outros não me interessavam. O seu rei, era o cozinheiro; o seu templo, o casino.

«E depois, Edmundo falava-me sempre da sua casa na ilha; seria eu a senhora d'ella, viveria ali, longe do mundo. Não lhe perguntei, como talvez outra o fizesse, qual tinha sido a sua vida antes, nem porque me tinha tanto amor.

«Fugiria d'este mundo de chimeras e falsidades, e isso me enchia de contentamento.

«Por isso lhe dei a minha mão e saímos da Europa e fomos para S. Francisco da California. A vida era comtudo um jardim de rosas.

«Se alguma vez accordava d'este sonho para fazer a mim mesma uma pergunta, não acertava com a resposta. Julgava-me uma heroína de novella, mas ao mesmo tempo parecia-me que o mundo estava vazio.

«Um dia vim á ilha de Ken, e vi todas as suas maravilhas, e disse:

— «Sim, havemos de vir aqui todos os annos, uma temporada, e julgaremos que isto é um reino.

«Mal sabia que dizia a verdade!...

«E quem a poderia adivinhar?»

— E depressa teve a confirmação d'isso. O que acaba de me contar era exactamente o que eu suppunha! E, passou muito tempo antes de fazer essa descoberta?

— Um mez. Estava aqui havia um mez, quando um barco naufragou batendo nos rochedos. Meu marido foi com os seus homens, e eu pelas janellas do terrasso, vi... oh! céos!... o que eu vi!...

«Então Edmundo zangou-se muito com o criado que não soube evitar que eu visse o que elle fazia, e enraivecido fez-lhe saltar os mio-

los com um tiro, aqui, á minha vista! Sabia que o seu segredo tambem já me pertencia e que eu não podia participar dos seus sentimentos. As folhas de rosa caíam para sempre?

«Ah! Jasper!... que vida de terror eu tenho passado!... Que anciedade e que de lagrimas tenho vertido!... E agora para completar, o senhor aqui está, mettido no covil do lobo!»

Permaneci largo tempo sem saber que responder, tão preocupado tinha o espirito n'aquelle momento.

Nada d'aquillo me surprehedia nem era novidade para mim; mas creio que pela primeira vez, as suas palavras me mostravam todo o perigo da situação em que me via, n'aquella ilha, se me descobrissem a mim e aos meus companheiros que estavam no subterraneo.

(Continua)

RICARDO DE SOUZA.

## O MEZ METEOROLOGICO

Junho 1910

Barometro. — Max. altura 768<sup>mm</sup>,9 em 12.

Min. » 757<sup>mm</sup>,7 em 6.

Termometro. — Max. altura 37<sup>o</sup>,3 em 19.

Min. » 11<sup>o</sup>,9 em 3.

Até ao dia 13 manteve-se uma temperatura inferior ao normal, subindo bruscamente, em 14, a 28<sup>o</sup>,3, em 15, a 30<sup>o</sup>,2, descendo em 16, para de novo subir nos dias seguintes. As maximas observadas nos dias 18 e 19 (34<sup>o</sup>,7 e 37<sup>o</sup>,3), foram as temperaturas mais elevadas registadas n'estes dias no observatorio. Em 20, ainda a maxima foi de 31<sup>o</sup>,0, mas a partir d'esse dia, e no resto do mez, recuperou-se a normalidade.

Chuva — 12<sup>mm</sup>,4 em 8 dias.

Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado

16 dias.

» Nublado 12 dias.

» Encoberto 2 dias.

Vento dominante — N.

Temperatura média externa — 30<sup>o</sup>,02 em 19 e 14<sup>o</sup>,17 em 4.

## NECROLOGIA

General Zeferino Brandão

No dia 28 do mez findo faleceu em Lisboa o general Zeferino Brandão, que esta revista contou entre o numero dos seus mais distintos colaboradores.

De facto, Zeferino Brandão, militar e literato, tanto honrou a farda como as letras portuguezas.

Zeferino Norberto Gonçalves Brandão, nasceu em Santa Comba Dão a 17 de fevereiro de 1842; assentou praça em artilheria a 13 de agosto de 1867 e seguiu seus postos até ao de general de brigada a que foi promovido em 22 de fevereiro de 1906.

Como militar foi um official muito instruido na sua arma. Pertenceu ao estado maior de artilheria. Foi sub chefe da 4.<sup>a</sup> repartição do ministerio



ZEFERINO BRANDÃO

da guerra, adjunto e subdirector da Escola de Torpedos, comandante do sector exterior do campo entrincheirado de Lisboa, membro da comissão encarregada de elaborar o regulamento para a administração de fazenda militar, e governador da fortaleza de S. Julião da Barra.

Como literato publicou, em 1884 um livro de versos, dos seus primeiros annos sob o titulo *Paginas intimas*. Deixou ficar *Monumentos e lendas de Santarem*, que lhe abriu as portas da Academia Real das Ciencias, de que era socio, assim como era socio da Real Academia de Madrid, do Instituto de Coimbra, da Sociedade dos Arquitectos Civis e Arquiologos Portuguezes, da Sociedade de Geografia de Lisboa, de que era vicepresidente da secção de historia, da Associação dos Jornalistas e Escriitores Portuguezes, da Sociedade Academica de Espanha, etc.

Escreveu mais um volume para brinde do *Diario de Noticias*. *O batizado de D. Afonso VI*. O seu livro a *Belgica*, obra de grande investigação historica das relações daquelle país com Portugal e dos seus costumes; e por ocasião do Centenario da India escreveu *Pero da Covilhã*, episodio romantico do seculo XV.

Ainda em estudante escreveu uma memoria

## 75.º anniversario do «Açoriano Oriental»



SENTADOS: Manuel Pereira de Lacerda, director do *Diario dos Açores*; D. Alice Moderno, directora de *A Folha*  
EM PÉ: Annibal Bicudo, Francisco M. Bicudo Correia e Padre Manuel Vicente, colaboradores de varios jornaes; Alfredo da Camara, director de *O Reporter*; D. Maria Evelina de Sousa, directora da *Revista Pedagogica*; Jacinto Leite do Canto, representante da *Gazeta da Relação*; Padre Herculano Ferreira, da redação do *S. Miguel*; Manuel Resende Carreiro, proprietario gerente do *Diario dos Açores*.

GRUPO DA COMISSÃO PROMOTORA DO NUMERO COMEMORATIVO DO «AÇORIANO ORIENTAL»

apresentada na 1.ª cadeira da Escola do Exercito, sobre o recrutamento e tempo de serviço militar, tratando tambem das promoções.

Colaborou em varios jornaes e revistas, incluindo o *OCCIDENTE* como ficou dito.

Possuia varias condecorações nacionaes e estrangeiras que eram outros tantos testemunhos dos seus serviços militares e meritos literarios, incluindo a comenda de S. Tiago.

O sr. Zeferino Brandão era casado em tercei-

raladas a sua redação e officina tipografica, ao que a camara acedeu, realisando-se aquelle acto com toda a solemnidade, assistindo as autoridades, varias corporações particulares e grande numero de cidadãos.

Houve tambem, no Hotel Açoriano, um banquete oferecido pela mesma comissão, em honra do venerando decano da imprensa portugueza.

Por nossa parte, daqui enviamos ao venerando colega nossas cinseras felicitações.

ras nupcias com a sr.ª D. Jacinta de Azevedo Coutinho, e deixa seis filhos dos seus primeiros matrimonios, a quem dirigimos as nossas condolencias.



O 75.º anniversario  
do  
AÇORIANO ORIENTAL

O *Açoriano Oriental* é hoje, salvo erro, o jornal mais antigo do país, fundado em 1835, sob o regimen liberal. Assim, passou agora as suas bodas de diamante que foram celebradas por um grupo de jornalistas açorianos com a publicação de um numero do *Açoriano Oriental*, contendo artigos de homenagem de todos os jornaes do districto. Além disto, pediu á municipalidade de Ponta Delgada para dar o nome do referido periodico á rua onde estão instaladas a sua redação e officina tipografica, ao que a camara acedeu, realisando-se aquelle acto com toda a solemnidade, assistindo as autoridades, varias corporações particulares e grande numero de cidadãos.

Houve tambem, no Hotel Açoriano, um banquete oferecido pela mesma comissão, em honra do venerando decano da imprensa portugueza.

Por nossa parte, daqui enviamos ao venerando colega nossas cinseras felicitações.

### Casa de Saude Portugal e Brazil

Estrada de Bemfica (Bairro Heredia)

Recebe doentes de medicina e cirurgia que se podem tratar com **medicos de sua escolha** e fazer-se acompanhar de pessoas de familia. Secção especial de **doenças nervosas**, dirigida pelo professor EGAS MONIZ. Teleph. 65 (BEMFICA)

O director gerente: **Dr. Gomes de Amorim**

### Capas para a encadernação dos volumes d'O OCCIDENTE

Em percalina com letras a ouro, encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos, eguaes na cor para colleções

**Preço 800 réis**

Capa e encadernação 1\$200 réis

## Collegio Francês \* Instituto primario e secundario

Auctorisado por Alvará Regio de 25 de Julho de 1904

**Rua de Nossa Senhora do Resgate, 6 (Avenida D. Amelia)**

**|| LISBOA ||**

**EDIFICIO PROPRIO E ESPECIALMENTE CONSTRUIDO PARA COLLEGIO**

Matricula permanente de alumnos internos, semi-internos e externos, em todas as classes de instrucção primaria, curso dos lyceus, curso pratico do commercio, gymnastica, esgrima, musica, dança, etc.

Achando-se este instituto installado em edificio, que foi propositadamente construido para collegio, as suas condições satisfazem todas as exigencias da pedagogia e hygiene moderna. Dispõe de vastissimas aulas, amplos e arejados dormitorios, magnifico refeitório, casa de banho com todas as comodidades e um excellente parque para recreio dos alumnos.

O corpo docente é composto dos mais auctorisados professores e os magnificos resultados dos exames, todos os annos são a mais segura garantia da nossa solicitude e escrupulo na escolha do professorado.

Enviam-se pelo correio prospectos do collegio, regulamentos e tabella das refeições.

O director e proprietario — ALFREDO DA COSTA E SILVA (Nomeado director por Alvará de 28 de dezembro de 1903)